

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Histórias de Internautas

Ser de verdade, na arte e no social

História de [Patrícia Maia](#)

Autor: [Larissa Rodrigues Vieira Jesus](#)

Publicado em 08/10/2019

Projeto Memórias da Zona Norte
Depoimento de Patrícia Maia de Souza Brito
Entrevistado por Larissa Rodrigues Vieira Jesus e Priscila Soares
São Paulo, 22/08/2019
PCSH_HV_793
Transcrito por Fernanda Regina Ferreira (Solís transcrições e revisão de texto)

P/1 – Qual seu nome completo?

R – Patrícia Maia de Souza Brito

P/1 – Qual foi sua data e local de nascimento?

R – 18 de outubro de 1985, em São Paulo, mais precisamente na maternidade Casa Verde.

P/1 – Que fica onde?

R – Na Casa Verde (risos), Zona Norte de São Paulo.

P/1 – Zona Norte, obrigada. Quais os nomes dos seus pais?

R – Luís Antônio Rocha de Souza, baiano e Marlene de Brito Maia de Souza, paulistana.

P/1 – Como seu pai, que é da Bahia, veio para cá?

R – Através de oportunidade de emprego, com 16 anos, tentando a vida, sozinho, único filho de quatro filhos, veio com os tios, com 16 anos já começou a trabalhar e assim foi, se tornou gráfico

P/1 – E você sabe como ele conheceu a sua mãe?

R – Foi através de encontros de amigos, não demorou muito, inicialmente, eram amigos, entre namoro e casamento foi tudo muito rápido (risos).

P/1 – E o que os seus pais faziam?

R – Então, o meu pai sempre foi gráfico, ele já chegou em São Paulo e teve oportunidade com essa profissão, se especializou, trabalhou em grandes empresas em São Paulo. A minha mãe começou muito cedo a trabalhar para poder ajudar a mãe a criar dez filhos, então com 11 anos minha mãe já trabalhava como garçonete, como balconista, até por isso fez só até a quarta série, antigamente falávamos quarta série. Enfim, depois que teve os filhos optou por cuidar dos filhos, que somos em quatro.

P/1 – Como você descreveria seu pai e depois a sua mãe?

R – Ah, o meu pai... O meu pai é a mãe e minha mãe é o pai, é, mais ou menos, assim (risos). O meu pai é muito carinhoso, muito amoroso, mas é uma pessoa que eu tenho muito orgulho porque criou quatro filhos com muita dificuldade, de um coração gigante, batalhador, mas muito sensível. A minha mãe não, minha mãe já é mais durona, mas, assim, mãe de muitas crianças, né? A gente tem muitos irmãos, eu como professora, ela ganhou netos. A minha mãe tem um coração gigante, assim. É um casal bem oposto que deu muito certo, o meu pai e minha mãe, grande exemplo, eu tenho muito orgulho mesmo. São quatro filhos que escolheram sua profissão, seguiram o caminho do bem, do trabalho, formaram suas famílias e hoje em dia, a gente sabe que é difícil, né? Conseguir criar quatro filhos e todos caminhando bem, então, enfim, orgulho. A definição maior deles é orgulho.

P/1 – Falando desse orgulho, tem uma história marcante da sua infância que foi para você um marco, que te marcou mesmo, nessa questão?

R – São várias, né? São várias. Eu tive uma infância muito difícil, com quatro irmãos morando em um quarto e cozinha, então foi algo... Mas, assim, o que me marca mais de tudo e trago para hoje que sou mãe também e que acompanho muitas mães no balé, como professora de balé, e, realmente, o que mais me marca é que há trinta anos, meus pais com quatro filhos, viverem de aluguel, tendo só o salário do meu pai e ainda assim, eles apoiarem o balé na minha vida, uma modalidade que há trinta anos era só para rico, não tinha como uma garota da periferia estudar balé. Eles acreditaram (lágrimas). Hoje, às vezes, eu vejo crianças, pais desistindo tão rápido das coisas (emoção), não tem uma sapatilha já tira do balé. Apareceu um passeio já sai do balé, meus pais na época de final de ano, eles abriam mão de tudo para eu participar de espetáculo, tudo. Era décimo terceiro, aluguel, eles pagavam depois, eles abriam mão de tudo mesmo para eu não desistir desse sonho, sabe? Falando em orgulho, eu tenho orgulho dos meus irmãos. Hoje em dia, você também vê muitos irmãos brigando por nada e meus irmãos também tiveram que abrir mão de muita coisa para que eu vivesse do balé porque na época que eu comecei a estudar, não tinha projeto social, era muito difícil. Existia a Escola de Bailado Municipal de São Paulo, que ainda tem hoje, muitos falavam “A sua filha tem talento, leva para o Municipal”, mas a gente naquela ignorância já falava: “Esse tal de Municipal deve ser muito caro”, a gente nem sabia que era gratuito, mesmo sendo gratuito, a gente não teria condições de pagar a condução para ir até o centro da cidade. Então, assim, é muito lindo de se ver, eu choro de emoção mesmo e de gratidão porque eu pude viver da minha arte, eu acreditei. Um dia eu virei para minha mãe e falei: “Mãe, eu quero ser bailarina” e ela falava assim: “Mas, filha, onde você viu uma bailarina?” porque também não era tão comum, hoje em dia você vê bailarina em comercial, você vê bailarina em edital, antigamente, não tinha, há trinta anos não tinha, não era tão acessível o balé mesmo. Como ela percebeu que foi de algo que simplesmente eu falei e pedi, tinha academia do bairro, ela resolveu me matricular e desde então, eu não parei.

P/2 – Você sabe de onde veio essa vontade? Assim “Quero ser bailarina”, você lembra como isso apareceu?

R – Não sei. Assim, os meus pais percebiam é que eu não parava em casa, né? (risos). Eu não parava ou eu estava saltando ou dançando, pegava muito a roupa da minha mãe colocava, vestidos e rodava. Então eles percebiam que eu não parava de dançar, aí quando eu falei realmente: “Eu gosto de dançar, eu quero dançar, é isso que eu quero”. Na época, tinha uma academia no bairro também era algo muito raro e inacessível, e a gente conseguiu ir. Mas era algo que, assim, primeiro o balé da Patrícia e depois aluguel, água, telefone, luz, eles realmente... E também acho que eu fiz por onde, eu fui uma bailarina onde eu nunca faltei, uniforme era um por ano, então eu tinha que cuidar da minha meia calça 365 dias porque era uma só, cabelo impecável, apresentações sempre muito rigorosas, sempre cobre muito da minha evolução, então eu acho que eu retribuía e tento retribuir até hoje.

P/2 – Você disse que foi meio difícil começar a fazer balé? Você lembra como foram as primeiras aulas? Como foi chegar na escola?

R – Tecnicamente dizendo, para mim nunca foi difícil, o balé em si, a dança em si, sempre estive dentro de mim, da minha vida, então eu nunca tive medo, nem receio, eu sempre tive curiosidade. Eu tive oportunidade de trabalhar com coreógrafos maravilhosos, renomados, que viajaram o mundo e aprendi muito com eles, sempre me desafiei, fui para a TV também, trabalhei em teatro, então, tecnicamente dizendo, eu tinha ansiedade de fazer, se tivesse aula das oito da manhã às oito da noite, eu estava fazendo aula. Agora sim, as dificuldades que eu falo sempre são financeiras, as dificuldades de que somos em quatro filhos, antes minha mãe tinha que deixar o almoço, a janta já ficava pronta uma hora da tarde porque às quatro a gente já tinha que ir para o balé, muitas vezes não tínhamos condução, então a gente tinha que andar 40 minutos para ir e 40 para voltar. Nós estamos aqui na Casa Verde Alta, eu já fiz balé ali perto do Anhembi, do Sambódromo, então era uma caminhadinha, que de ônibus faz em 20 minutos, andando 40, a gente ia sempre. Então, essas dificuldades: não ter muito lanche para os dias de apresentação, esses detalhes, não ter carro, em alguns espetáculos a gente terminava 20 para meia noite, eu tinha que socar os figurinos dentro da bolsa e correr para não perder metrô. Essas dificuldades nós tivemos, mas eu nunca me lamentei, não foi algo nunca que eu usei como arma, como coitada, não, dando certo para mim, era o que importava. Enquanto estava dando certo e eu tinha meus pais ao meu lado, meus irmãos, tudo bem.

P/1 – Você lembra as brincadeiras que você fazia quando você era pequena, criança?

R – Eu lembro. Eu sempre fui uma criança muito ativa e, engraçado, a gente não tinha acesso a brinquedo também. Eu lembro que, inclusive, no Dia das Crianças era um brinquedo para os quatro. Então, geralmente, a gente escolhia rede de vôlei porque os quatro podiam brincar (risos). Teve um ano que meu pai melhorou, ele falou: “Pode ser dois brinquedos para os quatro”, no ano, nós achamos que estávamos nas nuvens e aí ele conseguiu dar dois patins. O que a gente fazia? Um pé para cada, a gente com um patins andava, com outro a gente puxava e não reclamava, é isso que eu acho muito bonito, que eu tenho orgulho da minha família mesmo porque tudo para a gente estava legal, tudo estava lindo. Como a gente já tinha a base, a união, que até hoje existe, o material era o de menos. Então as nossas brincadeiras eram muito corporais, era jogar futebol, vôlei, karatê, porque meus irmãos faziam projeto social de karatê também. A gente fazia isso, era tudo relacionado a arte e esporte, porque brinquedo em si, a gente não tinha muito não.

P/1 – E seus irmãos são mais velhos ou mais novos que você?

R – São. Eu sou a caçula, a menina caçula, somos em duas meninas e dois meninos. Tem a Daniela, que é a mais velha, está grávida do Valentim, meu sobrinho que está vindo, o Anderson, que tem dois meninões o Igor e o Iago, o Thiago que já é casado, ainda está pensando em encomendar o baby e eu, Patrícia, que sou casada também, o meu marido é cantor, é músico, professor aqui da escola e eu tenho uma filha chamada Beatriz de dois anos.

P/1 – Quando você era pequena você tinha muitos amigos?

R – Como eu sempre tive meus irmãos como amigos, a gente tem muito amigo sim, porque os amigos dos irmãos viram nosso amigo. A minha casa sempre foi point de encontro, então, tudo que a gente fazia, meus pais sempre foram muito liberais nesse sentido. Churrasco na casa dos Maias, pizza na casa dos Maias, então nós temos uma galera muito grande de amigos. Mas a minha vida sempre foi muito corrida, como eu comecei a dançar com 14 anos, eu nunca tive tempo para cultivar amizades, então, falar assim que eu passeava, que eu saía com as amigas, porque com 14 anos eu já dava aula o período todo. Era escola e dando aula, mas eu tive sempre meus irmãos, então nos tempos que a gente tinha livre, sempre nós e até hoje é assim, cada final de semana, está na casa de um.

P/1 – Você comentou que quando era pequena, você queria ser bailarina, tinha alguma outra segunda opção ou sempre foi essa?

R – Sempre relacionado um pouco a arte, mas eu sempre gostei de Odontologia, ainda é algo que eu gosto, se um dia falassem “Olha, você quer tentar uma faculdade”, eu tentaria, eu acho muito legal essa questão de odonto, eu gosto do sorriso. Muitas pessoas brincam “Ai como você conversa olhando para os dentes” porque eu tenho esse hábito mesmo, eu gosto, eu acho lindo, o que muitas veem como “Ai que nojo, eu não quero não”, eu adoraria ajudar e, provavelmente, iria para o lado social, mais cedo ou mais tarde (risos).

P/1 – O que você gostava mais de fazer quando você era criança? Apesar da dança.

R – Fora a dança? (risos). Caramba.

P/1 – Ou era só dança mesmo?

R – Ah sim, eu sempre gostei de estar com a família, né? Então a minha família sempre muito unida, inventar comida junto, essas coisas de família, sabe? Comer pipoca junto. Eu nunca tive essa... E dançar, né? Porque como muito cedo a minha vida era espetáculo, aula e era o que eu gostava de fazer, né? Hoje em dia, as crianças, às vezes, levam como obrigação, “Ai eu tenho que ir para o balé”, “Eu tenho que ir para o espetáculo”, para mim não, era uma diversão mesmo.

P/1 – Que idade você começou as aulas?

R – Eu comecei a fazer aula com cinco anos, que foi nessa época que eu pedi balé para a minha mãe e eu não parei mais. Chegou uma época, aproximadamente, com 18, 19 anos que ficou difícil fazer aula, porque eu já fazia muitos shows, eu fui para área de TV, gravei programa sertanejo, dancei com dupla sertaneja, aí comecei a dar aula em outros lugares, participar de companhias, bandas de baile, que trabalham em formatura, casamento, evento e comecei a viajar muito. Aí começou apertar essa questão de fazer aula, mas dançando até hoje. Hoje eu consegui ainda, quando eu já achei que estava parando ‘aí não, vou ficar só no Vidarte, coordenando a parte artística’ que é o projeto social e há quatro meses me apareceu a oportunidade de ser professora de ginástica de uma academia, então de segunda à sexta a partir da seis e meia, eu estou dançando na academia, temos aulas de dança. Enfim, são oportunidades maravilhosas que aparecem na vida e eu tenho que me policiar para não abraçar, porque eu tenho vontade de fazer tudo, só que hoje a vida é muito mais corrida, as responsabilidades são outras, então... E agora como coreógrafa da comissão de frente do Peruche também, então, atualmente, em quatro empregos, né? (risos). Tentando dar conta e o principal: mãe da Beatriz.

P/1 – Quando você começou a trabalhar com dança?

R – Trabalhar mesmo, eu fui em uma agência que, na época, era uma agência muito famosa de modelos, vi na TV e falei: “Mãe, vamos?” e imagina, né? Dona Marlene, sem um centavo no bolso: “Vamos, minha filha”. Fomos até o bairro Bexiga, que é onde ficava a agência, enfim, naquela época, o book um absurdo, de ter que parcelar em 20 vezes e tudo mais e Dona Marlene e seus Luís parcelaram, foram lá e por sorte ou porque Deus quis, que eu acredito, quando eu estava fazendo o teste, a coreógrafa da agência passou do lado do teste, abriu a cortina, virou e falou assim: “Estou precisando de uma bailarina que dance flashdance, você sabe esse filme?” e na época, eram só locadoras e meu pai deixava alugar por mês um vídeo, eu só escolhia de dança e os irmãos tinham que assistir junto comigo, eu já sabia esse filme de cor e salteado, então foi o melhor teste da minha vida, porque a respiração da atriz eu sabia, quando a coreógrafa viu, ela falou: “Olha, você é a menina que eu procurava”. Eu participei do primeiro evento da agência e ela me chamou para ser assistente, eu tinha por volta de 14 anos, acho que 15, estava no terceiro colegial, do colégio Joaquim Leme do Prado, aqui na Zona Norte. Então eu saía do colegial meio dia, uma hora eu estava na agência, trabalhava até às oito da noite, dando aula, curso, preparando atores, modelos para eventos, com 15 anos. Aí eu não parei mais, foram surgindo as oportunidades, me tornei coreógrafa em torno de 18, 19 anos, já estava coreografando algumas duplas.

P/1 – Como você tem inspiração para criar uma coreografia? Como se cria uma coreografia?

R - (risos). Eu me pergunto isso todo dia, eu acho, hoje, Patrícia, eu acredito que eu tenho o dom. Hoje eu acredito, assim, não é me gabando, nem nada, é porque eu tive provas mesmo. Eu já criei coreografia assim: “Cria isso agora, o tema é esse, você tem esse tempo e o palco é assim, o figurino é assim”. Essa experiência, essa primeira experiência que eu vivi de agência foi realmente fundamental, apesar de muito estressante para

uma menina de 15 anos, foi fundamental porque lá era assim, pediam uma modelo que dançasse para um comercial no dia seguinte, então ali eu já tinha que me virar e trabalhar, isso ajudou muito, né? E hoje, até devido a minha falta de tempo, porque quando existem várias funções profissionais, pessoais e tudo mais, eu digo que realmente é um dom. É uma inspiração que vem, que eu escolho um tema, aqui no Vidarte mesmo, a gente escolhe um tema, eu escuto a música, é assim que eu gosto, eu até evito quando for tema que já foram reproduzidos, eu evito até assistir um pouco, porque eu gosto que seja da forma mais natural, que tenha a ver com o Vidarte, com o projeto e aí eu acredito em dom mesmo, porque por muitas vezes no ano que eu tive a Beatriz nasceu em junho, em julho eu já voltei a dar aula. Foi muito difícil, entre uma mamada e outra, eu tinha que entrar para a sala, então não tive tempo para pré-coreografar, para elaborar, não, eu ouvia a música, ia criando e ali a gente criou um espetáculo, com aproximadamente 130 artistas, entre música, canto violão, teatro, dança. É dom, é uma inspiração que a gente não sabe explicar de onde vem, mas eu sou grata por isso, por esse dom, porque eu faço o que eu amo mesmo. É muito bom.

P/1 – Quando você teve que fazer, que você foi escolhida na agência de modelo para fazer essa apresentação, foi uma apresentação com público, ou era uma gravação tipo comercial e como você se sentiu na hora? Descreve assim quando entrou.

R – É, eu não acreditava, na verdade, para mim, realmente, era estar vivendo um sonho porque eu sei que muitos... A fila era gigante ali, então, eu estava no momento certo, na hora certa, por isso, que eu acredito nisso. E, mais uma vez, eu volto à dedicação da minha mãe. Porque nós chegamos na agência, eu lembro mais ou menos oito horas da manhã, como eu fui escolhida e a apresentação era no dia seguinte, a coreógrafa falou assim: “Olha, vou te deixar na sala que eu preciso coreografar em outros lugares e você cria a sua apresentação”, então ali à tarde, eu passei a tarde inteira criando a apresentação. Ela voltou no final da tarde para eu mostrar a apresentação, aí mostrei, ela concordou, virou para minha mãe e disse: “No dia seguinte, sete horas da manhã, preciso dela aqui”. Então para você ver, em tempos difíceis... E minha mãe nunca chegou a falar não, nunca cogitou “Ah, vou pensar, não sei”, então assim, eu me senti especial, escolhida. Eu achei que era a oportunidade da minha vida mesmo e eu me entreguei, realmente, foi o que deu certo. Para entrar no meio de shows mesmo, em dupla sertanejas, em TV, também foi um acaso que eu falo ‘momento certo, na hora certa’, porque eu trabalhei, eu fiz um espetáculo com bailarino Marcos Paulo, ele pegou meu contato, naquela época, só tinha o telefone fixo de casa que a gente tinha conseguido há pouco tempo porque antes era o orelhão. Mas, naquela época, já tinha o telefone fixo, aí eu passei o da minha casa, o da casa da minha mãe, um belo dia ligou uma diretora coreográfica e perguntou: “Eu queria saber quem é Patrícia Maia, porque eu achei esse telefone no fundo da minha gaveta, eu estou limpando minha gaveta e achei no fundo da minha gaveta”, minha mãe falou: “Patrícia Maia é minha filha”, aí ela falou: “Olha, eu trabalho com dança, será que ela é bailarina?”, minha mãe falou assim: “Ela é bailarina, tem 16 anos”, e, coincidentemente, ela estava precisando de um elenco, mais ou menos, nessa idade para uma cantora infantil. Para ver como as coisas caminham, minha mãe falou: “Não, ela está muito interessada em entrar nessa área”. Aí eu fui no teste, passei na seletiva, através dessa cantora fui formando materiais, as pessoas foram me conhecendo e aí que surgiu essa questão do meio artístico na minha vida, fora a escola de balé, porque antigamente muito pensava que vida de bailarina ou ir para fora, estudar fora, que eu não cogitava por dois motivos: financeiro e também porque eu nunca fui uma bailarina magérrima, então eu sabia que companhia clássica eu não entraria, pelo meu biótipo e também por preferir coreografias populares, eu sempre fui muito mais do jazz, do popular, dança de rua, apesar de ter me formado no balé. Então para mim foi uma oportunidade muito boa essa questão de ter entrado no meio artístico, na época eu nem sabia que eu poderia sobreviver disso, então quando veio o primeiro cachê, eu estava nas nuvens porque dançando e recebendo, a gente sempre teve que pagar, que investir, então foi maravilhoso, muito bom.

P/1 – Você lembra o que você fez com o seu primeiro cachê?

R – Quando eu entrei na agência, eu recebi uma ajuda de custo e já pagava minha condução, então, meus pais pararam de pagar minha condução, eu já me achava super independente. Por volta de 16, para 17 anos eu já pagava todas as minhas contas, todas, porque aí eu já entrei na área de shows, então aí começou a surgir o celular. Meu pai me deu um celular porque, na época, eu ficava muito dentro de teatros, de agências, de locais de gravação e meu pai não sabia como falar, às vezes, o diretor não liberava para ir no orelhão ligar, aí meu pai começou a ficar preocupado, fez aquele carneirão, mais uma vez meus irmãos super compreensivos porque a caçula ganhou celular primeiro (risos), aí eu ganhei aquele tijolão gigante para os meus pais conseguirem falar, porque tinham situações de dar uma hora da manhã, eu com 16 anos. Detalhe, nunca faltei na escola por isso, nunca tirei uma nota vermelha também. Eu podia dormir mesmo na época de shows fazendo educação física, eu chegava em casa, às vezes, cinco horas da manhã, depois de um baile de formatura, dançando a noite inteira, tomava banho, um café e ia para a faculdade, nunca foi motivo algum.

P/1 – Com quantos anos você entrou na faculdade?

R – Com 21. Eu demorei três anos porque nesses três anos entre escola e faculdade, eu me formei em teatro. Eu fiz curso de teatro com o Beto Silveira, e aí até decidi realmente o que eu queria, eu escolhi Educação Física contra vontade, porque a minha referência de professor de educação física era o quarteto fantástico: futebol, basquete, handebol e vôlei. Então eu não queria ser esse professor, só que eu ouvi dizer, na época, que só poderia dar aula de dança quem tivesse o CREF, que é o registro de educador físico. Eu entrei contra a minha vontade, mas bastou uma semana para eu descobrir que Educação Física é linda também, é um campo maravilhoso, é muito bom a gente conhecer o nosso instrumento de trabalho que é o corpo, né? Então o meu TCC foi com base nisso, eu analisei os professores de balé, formados e não formados em Educação Física, e eu sou uma outra professora de balé depois que eu me formei em Educação Física, questão de respeitar a pedagogia, a didática, a fisiologia, aí você entende aspectos sociais também. Então você entende que crianças de diversas regiões aprendem de forma diferente, sentem a dança de forma diferente, então eu sou outra profissional depois que eu me formei em Educação Física. Aí eu entrei com 21, demorei um pouquinho, mas foi tudo rapidinho.

P/1 - Você falou que fez aula de teatro, você aprendeu alguma coisa no curso de teatro, o que você acha que você mais aprendeu?

R – Sim. Então, o Beto Silveira que é meu querido mestre, o curso dele inclusive fala sobre, se eu não me engano ele fala: “Estúdio de Teatro Beto Silveira e Desenvolvimento Humano” porque de fato ele desenvolve o nosso lado humano. Então eu gosto da metodologia do Beto porque é

o de dentro para fora, e é o que passa verdade, eu sempre fui uma bailarina, uma coreógrafa muito crítica com meu trabalho, eu sempre queria passar a verdade. Hoje, eu só trabalho se for de verdade, se eu achar que não passa a verdade, se eu achar que não é legal, se eu não estiver a fim, por dinheiro nenhum eu vou fazer porque eu não consigo, e, às vezes, algumas pessoas falam para mim, hoje, as pessoas até acham que as coisas vêm muito fácil para mim, alguns falam: “Nossa, tudo que a Patrícia pensa, ela consegue, ela quer”, mas de fato, eu só penso e busco aquilo que é a minha verdade, então acho que é por isso que as coisas dão certo, sabe? E fora a dedicação, minha mãe costuma dizer uma frase assim: “As pessoas choram lágrimas para conseguir as coisas, você vai ter que chorar sangue” e realmente, é muita luta para conseguir as coisas, mas é algo que vale a pena, é algo de verdade, sabe?

P/1 – Você disse que ela falou isso, em que situação?

R – Todas, porque quase sempre a gente tem muita dificuldade em tudo, desde a nossa época, como eu contei para vocês, de infância, de ter que ir andando, para ter uma noção, eu já fui para uma apresentação na Avenida Angélica a pé, centro da cidade.

P/1 – De onde?

R – Desde aqui da Casa Verde, de cruzar a ponte no rio Tietê e muito mais. E hoje a gente ainda... Porque o que acontece? Onde surgiu o Vidarte, que é o nosso projeto social? Quando eu me formei no balé com 14 anos, eu fiz essa promessa, eu falei assim que as minhas alunas não passariam tantas dificuldades como eu passei, então, que eu construiria um projeto social. Com 14 anos, já estavam surgindo alguns projetos, mas ainda também não era tão comum como é hoje, não tinha fábricas, não tinha oficinas, não tinha nada disso, era bem, realmente, só se a pessoa quisesse dar aula ali gratuita, que existiam esses projetos e foi isso que eu fiz. Eu fui no Humberto Dantas que é uma escola municipal aqui da região e no Leme que era onde eu estudava, estadual e falei que eu estudava balé, estava me formando, se eles queriam que eu desse aula de dança gratuita. E foi dessa forma que eu fiz, na região foi o primeiro projeto e eu digo até nível São Paulo, capital, porque foi o ano que as minhas alunas mais se apresentaram, porque qualquer congresso que envolvesse escolas, as pessoas pediam “Ah, aquele grupo de dança do Humberto Dantas ou do Leme” porque não era tão comum. Até se tinha uma festa junina, uma festa da família, qualquer evento as escolas mesmo chamavam elas e que bom porque começou a inspirar, quando a gente viu todas as escolas tinham ali aquele grupinho de dança.

P/1 – Você lembra o ano que você começou dar aula na escola?

R – Acho que foi aproximadamente, que a gente montou o projeto lá para 2000, 2000. Eu acho que foi no ano de 2000 que a gente oficializou mesmo, talvez um pouco até antes, mas foi no ano de 2000...

P/1 – Você disse que começou esse projeto, se você pudesse contar um pouco da história, e falar essas escolas em que bairro ficam, e aí como foi mesmo com um pouquinho mais de detalhe? Quando começou, são coisas marcantes? E, principalmente, o bairro que essas escolas ficam.

R – Então, o projeto Vidarte que chama Vidarte Centro Artístico, surgiu no Colégio Humberto Dantas, é um colégio Municipal que fica na Casa Verde Alta, foi o colégio que eu fiz o primário, eu e meus irmãos. Então, lá eu me ofereci, eu perguntei se eles queriam uma professora de balé, eu lembro que eu só me empolguei depois que eu dancei lá, a minha mãe era diretora da APM, diretora não, ela era a mãe representante da comunidade no Conselho da APM, e ela inventou de falar que eu fazia balé, só que naquela época, o balé não era conhecido, e eu tinha pavor de imaginar eu dançando, porque as festas da escola na época só tocavam ‘É o Tchan’, então eu falei: “Meu Deus, como vai entrar Enya, na época, minha professora tinha coreografado Enya, “Como a gente vai interromper um axé de três horas para entrar Enya”, eu inventava desculpas, eu falava: “Ai, acho que vou até pensar em colocar alho embaixo do braço”, eu pensei porque diz que dava febre, porque eu não queria me apresentar (risos). Só que, para a minha surpresa, eu tive que me apresentar, não tive desculpas, para a minha surpresa a escola amou, tanto diretores, alunos, funcionários, os pais, então, a partir daí a gente começou a pensar realmente em criar o projeto, aí virou projeto Jazz HD, a gente entrou primeiro com Jazz na escola, Jazz/Balé porque tinha que ter a técnica do balé e como eu estudava já no ensino médio no Joaquim Leme do Prado, que era uma escola estadual, que fica no bairro do Imirim, na Zona Norte, eu peguei as duas áreas, então no Humberto Dantas eu ficava com os menores e no Leme eu já ficava com meninas da minha idade, o Leme foi muito especial, apesar de desafiador, foi mais desafiador, porque na primeira convocação a professora resolveu não divulgar quem era a professora de balé, então chegaram em torno de 65 meninas, alunas de classe minha, desses 65 só 19 quiseram ficar porque na cabeça delas, o que essa menina tem a me ensinar? Ela é da minha idade. Então, nessa época, já teve esse preconceito, mas essas 19 meninas resolveram acreditar que eu sabia, já na primeira aula elas perceberam, e passou uns dois meses a gente já montou uma apresentação, tivemos uma apresentação no pátio da escola e aí realmente as matrículas bombaram porque todo mundo queria fazer parte, perceberam que tinha resultado e desde então começamos a ser convocados para tudo quanto é congresso, evento. No Humberto Dantas, nós tivemos um congresso que as alunas ganharam até lanche, então para a gente foi assim: “Nossa, estamos ficando importantes, né?”, na época, tudo era muito difícil, então ganhar o transporte e a alimentação já era algo assim... Aí minha mãe batalhando ali na APM, ainda conseguimos montar uma sala de balé no Humberto Dantas, então foi algo raro, uma escola da prefeitura ter uma sala de balé, foi algo raro, só que infelizmente toda vez que precisava montar alguma série, algum primeiro ano, segundo ano, devido a demanda, sempre falavam em fechar a sala de dança, achavam desnecessário, e, realmente, chegou uma época que começamos a dividir, tinha aula durante o dia, eu tinha que chegar uma hora antes na sala para poder empurrar todas as carteiras, mesas, cadeiras e poder fazer aula. Só que os alunos começaram, infelizmente, alguns encostavam a cadeira no espelho, começou a quebrar espelho, se penduravam na barra, começou a afundar a barra e a gente começou a montar um projeto no final de semana, tivemos finais de semana que a gente chegava lá a escola não estava aberta e não tinha ninguém para abrir, essas coisas todas. E aí Senhor Luís e Senhora Marlene, percebendo que eu estava me desmotivando, resolveram montar uma sala de dança no quintal da casa deles, alugada, meus pais até hoje não têm casa própria, então mesmo na casa alugada, eles resolveram colocar algumas folhas de espelho na parede e uma barra. Aí eu comecei a receber a comunidade em peso dentro da casa dos meus pais, enfim, estava ali acontecendo o que eu prometi para os meus pais que era montar um projeto social para oferecer balé, inicialmente, balé e jazz, mas o meu sonho era um centro artístico, porque eu sou uma pessoa que acredita que artista bom, é artista completo, que saiba cantar, dançar, atuar, assobiar, tudo que tem direito, até porque no Brasil é assim que funciona, então a gente começou lá no projeto e o

projeto cresceu tanto que a gente começou a ter que pensar em ir para um espaço. As mães que estavam lá toparam em dar uma ajuda de custo, eu somei essas ajudas de custo todas e percebi que daria para pagar um aluguel, então resolvemos vir para a Rua Zilda que na Casa Verde Alta, uma famosa rua aqui da Zona Norte, e estamos numa travessa da Rua Zilda isso já tem seis anos e aí resolvemos criar o Vidarte, deixou de ser Grupo de Dança Patrícia Maia, que foi o nome que nós demos quando fomos para a casa dos meus pais e viramos Vidarte Centro Artístico, porque aí eu já queria inserir novas modalidades aqui, então nós inserimos fora o balé e o jazz, a gente tem fidade, zumba, karatê, canto, violão e aí tudo que o pessoal vai indicando a gente vai colocando. Mas como somos um projeto que a gente depende única e exclusivamente só da colaboração dos pais, de familiares, a gente para abrir turma, realmente, depende de que pelo menos a turma consiga pagar o professor, por exemplo, então, não são todas as modalidades, que se eu pudesse eu teria várias, mas não são todas as modalidades que a gente consegue ter aqui, mas beiramos aí os 70 alunos atualmente, já tivemos muito mais alunos, mas essa crise que tivemos nos últimos anos, por mais que a contribuição seja pequena, os pais não estavam conseguindo, agora a gente tem uma meta de transformar Instituto Vidarte para a gente conseguir parceiros, apoio, tudo que as pessoas possam nos ajudar, para que a gente consiga crescer, expandir, oferecer nossas modalidades as crianças mais necessitadas porque a gente acredita que a dança, a arte é a ferramenta fundamental de transformação, do mesmo jeito que ela me transformou, ela me deu oportunidade, eu quero muito que as crianças, os adolescentes, adultos, idosos, entendam que todos são capazes, que basta se dedicar, ocupar a cabeça dessas crianças, desses adolescentes, enfim, a gente sonha grande, né?

P/1 – Esse projeto que você levou às aulas para a casa dos seus pais, que eles fizeram, montaram, era um projeto já social ou eles pagavam para ter as aulas?

R – Na época, eles contribuía com 15 reais, cada pai dava 15 reais para a gente conseguir pelo menos pagar a água e a luz dos meus pais, no período que a gente usava, mas nunca foi de forma obrigatória. Hoje, a dificuldade é maior porque na casa dos meus pais, querendo ou não, eles já seguravam o aluguel, não dependiam dessa ajuda, hoje a gente depende. Então, por isso, dessa dificuldade, a gente também tem o projeto aqui em forma de aluguel, mas a gente não pode aceitar todos os alunos e de forma gratuita, nem que seja com uma contribuição simbólica, porque a gente depende da questão financeira para poder pagar o aluguel, os professores, as despesas básicas, mas desde lá sempre foi. A minha família é uma família que, por mais que a gente tente fugir, a gente acaba indo para o lado social, de forma natural e verdadeira. Hoje em dia, as pessoas até procuram, por isso que acredito que a gente está muito mais próximo do que distante em se tornar um instituto, porque hoje em dia, as pessoas precisam de roupa, aí “Falamos com a Marlene”, as pessoas precisam de cultura “Aí falamos com a Patrícia”, precisam de respaldo, sempre procuramos nossa família nesse sentido, quase sempre a gente consegue ajudar, seja com uma palavra, com um ombro, com um alimento. Falando em detalhes, às vezes, eu chego em casa achando que vai ter almoço e meu pai deu tudo para os meninos da rua, porque as pessoas batem, inclusive, lá, pedindo almoço, sabem que a gente não consegue falar não. Final de ano, Dia das Crianças, a gente arrecada brinquedo para sair distribuindo na Favela do Boi Malhado, em algumas favelas, Jardim Peri, Dia das Crianças, a gente vai desenvolver um projeto social lá, Elisa Maria que também é Zona Norte de São Paulo. Enfim, por mais que nas minhas épocas de shows, que eu fazia muitos eventos, ganhava cachês altos e ficava em hotéis maravilhosos, eu quis muito largar a dança, os projetos sociais, nova, 18, 19 anos, no auge da carreira e a gente sabe que projeto social é algo que dá muita dor de cabeça, principalmente, se você só depende de contribuição de comunidade, não tem um fixo e nem um patrocínio, mas toda vez que eu falava: “Eu vou parar com projeto social, vou fechar a sala da casa dos meus pais” todos meus shows caíam, eram cancelados, todos. E é prova física mesmo, não é “Aí ela está imaginando” não, meus shows ligavam, uma coreógrafa “Ah, o cantor cancelou”, “Ah, o bailarino não vai querer”, aí minha mãe falava: “Filha, para de falar que você vai cancelar esse projeto porque é só você reparar, quando você começa a se encher do projeto, sua carreira artística começa a cair”. É assim que tem sido, hoje eu já aceito o Vidarte e o projeto social é minha prioridade, e aí nesses últimos dois anos que a gente vem enfrentando muitas dificuldades que eu resolvi pegar três empregos, que o objetivo principal, além da minha família é conseguir sustentar o Vidarte, por enquanto sozinha, com a esperança da gente conseguir novos parceiros e patrocínios.

P/1 – Teve uma parte que você falou que você sofreu preconceito, você pode falar, mais ou menos, como que foi e de que parte que foi isso?

P/2 – Alguma história que aconteceu.

P/1 – Pode ser da sua infância, você como criança e você já grande fazendo dança, e depois, já trabalhando com o lado social.

R – Olha, eu sou uma pessoa e uma profissional que eu não valorizo essa questão do preconceito para ser sincera, nunca foi pauta na minha vida, eu nunca me preocupei com opinião dos outros, a minha preocupação era a opinião da minha família, para mim, até hoje é assim que funciona, então quando eu comecei a dançar, os meus irmãos, por exemplo, eles levavam todos os amigos para me ver dançar, às vezes, a gente dançava assim só de collant, que naquela época tinha esse preconceito, mas meus irmãos sempre tiveram tanto orgulho da minha arte que nunca levaram para esse lado. A minha família em si, até hoje não leva nada para o preconceito ou valoriza, porque a gente sabe que o preconceito hoje existe, mas a minha preocupação era eu me realizar, independente da opinião dos outros, hoje muito se fala na questão de quem ganha mais, a mulher ganha menos, eu também nunca me atentei a isso porque eu chegava e negociava “Olha, eu vou fazer um show, eu sou coreógrafa, meu valor é esse, é tanto” se Fulano está ganhando duas vezes mais do que eu, meu trabalho vale esse preço, eu estou feliz, realizada, satisfeita, é o que importa e o trabalho sempre era bem feito, tanto na Favela do Boi Malhado, quanto no melhor resort lá no Nordeste como eu já trabalhei com artistas e tudo mais. Nunca tive essa preocupação com relação a preconceito, a roupa, a nada, né? Mesmo trabalhando em lugares chiquérrimos, eu ia com as minhas roupinhas simples mesmo, sempre muito bem arrumada, vaidosa que sou e Dona Marlene e Luís sempre fizeram a gente, é uma troca por ano, mas é uma troca muito bem limpa, passada e cheirosa. A gente sempre foi dessa forma. Eu digo que o único preconceito que eu senti, mas eu nem levo como um preconceito é essa questão das pessoas, como eu comecei muito nova, então, às vezes, a gente chegava em uma escola, eu com 16 anos “Quem é a responsável desse grupo?”, aí eu levantava a mão “Você?” como quem diz: “Como que uma menina tão nova da conta de tudo isso” e até hoje, apesar de eu já não ser mais tão novinha, até hoje, como eu acho que quem trabalha com arte tem esse espírito jovem e tudo mais, então, às vezes, até aqui no Vidarte alguns pais chegam e quando me veem, às vezes, falam: “Ah, porque você é novinha, não sei se você é tão experiente, então acho que você tem que lidar...”, mas aí eu só falo para os pais quais são as minhas formações, a minha experiência e está tudo certo. Então, assim, a gente sofre sim preconceito, na minha época de bailarina, às vezes, por você estar ali com

uma roupa um pouco mais decotada, com um figurino um pouco mais chamativo, alguns artistas achavam que podiam conversar de forma abusiva, mas para mim, sempre foi tão claro que podia ser o artista mais famoso, eu falava: “Eu sou bailarina, estou aqui trabalhando, respeita meu trabalho”, ali encerrava, ali já virava as costas, resolvia meu problema certinho, não precisava causar e também não deixava que... Sempre foi dessa forma, preconceito mesmo que eu sofri, que eu acho que é mais, enfim, as pessoas, às vezes, acham que uma pessoa muito jovem, muito nova não pode assumir grandes projetos. Eu sempre nova coordenei muitos projetos grandes, então, eu já fui coreógrafa de DVD de artistas e coordenar artista, balé, tudo mais, muito nova, com 18, 19 anos, mas nunca, nunca parei para dar valor a isso, acho que também quanto mais a gente valoriza essa questão, mais corda a gente dá. Como eu sempre trabalhei, eu não tinha nem tempo para discutir, eu já falava “ok” resolvi aqui, vamos resolver o próximo.

P/1 – Patrícia você tem alguma lembrança da sua escola na parte quando você estudava?

R – Em relação a arte ou pedagógica?

P/1 – Pedagógica, quando você era menorzinha mesmo.

R – Engraçado, que hoje eu estava olhando algumas fotos e realmente lembrei do meu primário, eu sempre estudei em escola pública do jardim até o ensino médio e Humberto Dantas foi uma escola muito especial para mim, às vezes, a minha mãe sempre costuma dizer que é muito o aluno que faz a escola e de fato é assim. Eu, meus irmãos, todos nós estudamos em escola pública e sempre buscando melhores notas e absorver o que os professores... Sempre tive o espírito de liderança, então queria ser a líder da sala sempre (risos).

P/1 – Tem alguma ocasião que te marcou, agora que você está dando risada, lembrou alguma coisa?

R – Ah, existem várias, eu sou muito competitiva, né? Então, assim, é partida de futebol eu estava, eu queria estar no grupo de futebol, eu queria estar no grêmio da escola, queria estar no grupo de balé, queria ajudar a professora. Então eu sempre fui uma criança muito participativa na escola, é muito legal voltar hoje. Até hoje eu volto lá e eles me recebem com muito carinho porque eu fui muito feliz, muito mesmo, tanto no Humberto Dantas, quanto no Leme, as duas escolas aqui da Zona Norte, sempre liderando, sempre através da cultura tentando mudar o raciocínio e mudar a forma de ver, buscando valorizar a periferia porque não é pobre que não tem oportunidade, porque não é pobre que não tem talento. Mas ao mesmo tempo, não ficar usando isso como justificativa, eu nunca usei a minha, a gente conta aqui as histórias, mas eu nunca usei a minha falta financeira como algo onde eu pudesse usar como arma para alguém se comover, nunca. Até hoje, muitas pessoas acham que a gente, às vezes, está indo de vento em popa e ninguém sabe das dificuldades que a gente passa mesmo, então para mim, sempre foi, como eu disse, eu sempre levei tudo muito a sério, com muita verdade, então, independente, de onde eu estava, eu estou ali no Humberto Dantas e vivendo meus momentos de recreação, eu lembro que minha mãe, às vezes, ia lanchar com a gente, comer merenda, então minha mãe vira e mexe aparecia, porque ela era representante de APM, então ela acompanhava bastante a comunidade, enfim, eu fui muito ativa, uma criança muito ativa. Quando eu virei professora eu até tive dificuldade de compreender essa nova geração, porque para mim essa coisa de celular, preguiça e trocar uma aula de balé por causa de um celular, isso nunca coube na minha cabeça, porque para mim, o balé sempre foi tudo e arte. Não é só o balé, às vezes, me chamavam para jogar taco na rua do que passear, do que isso, do que aquilo, então eu fui muito feliz. Apesar de todas as dificuldades, a gente nunca parou para ficar valorizando ou minimizando nada. Minha mãe sempre cobrou muito essa questão, não é porque é pobre que tem que andar largado, minha mãe nunca deixou a gente falar errado no português, mesmo tendo só até a quarta série, ela exigia que a gente falasse. Até hoje, ela já corrige e eu passo isso para as minhas alunas. As minhas alunas, alunos todos aqui do projeto a gente não deixa falar errado, a gente costuma dizer, já já vocês vão virar artistas famosos e vocês vão dar entrevista na televisão e tem que falar bonito. Postura, conduta, camarim do jeito que a gente entra tem que sair, enfim, são os valores básicos, os princípios básicos que aos poucos vão se perdendo, né? E que a gente procura manter, aqui é um projeto raiz, a gente está aberto às mudanças e esse mundão lindo que está vindo de novas ideias, mas os princípios, a árvore está bem enraizada nos princípios de respeito, educação, de companheirismo. Muitos falam: “Eu gosto de ficar aqui no projeto”, porque hoje no projeto a gente já tem até pessoas com boas condições financeiras, mas eles fazem questão de estar no projeto por dois motivos: eles se sentem acolhidos, isso é muito bom, é um projeto bem familiar e tecnicamente nós somos muito rigorosos. Então o que as pessoas aí fora pagam um absurdo aqui eles aprendem da mesma forma, os professores têm uma formação, são bem qualificados, a gente se preocupa com essa questão também.

P/1 – Deixa eu perguntar só uma coisa, você disse que quando era jovem, adolescente você participou bastante da escola, de muitas coisas, você falou que gostava de fazer as coisas pela arte, tem alguma história, alguma situação que você pode descrever para a gente que aconteceu? Um evento, uma situação, uma coisa que você também lembra até hoje?

R – Bom, eu lembro da minha primeira apresentação, eu dancei Estúpido Cúpidos.

P/2 – Quantos anos você tinha, mais ou menos?

R – No pré-zinho, 5 ou 6 anos, 6 anos, na época era o prezinho, tenho fotos disso. Engraçado, como eu lembro da memória da minha mãe, porque lá na plateia para mim é nítido, como ela tinha outros três filhos, mas engraçado, minha mãe nunca faltou em apresentação de ninguém, ela realmente se desdobrava com os quatro filhos, mas sempre foi muito presente. Eu também lembro de uma apresentação muito legal que foi Negritude Júnior, que o meu amigo entrava e aí quando falava “dar um beijinho em minha cinderela”, eu tive que brigar pelo papel principal (risos), chapuzinho vermelho, eu quis ser a chapuzinho vermelho. Tudo que envolvia arte, eu me empolgava muito. Já crescida, quando nós nos tornamos Joaquim Leme do Prado, grupo de dança, Humberto Danças, a gente também passou a ir para alguns festivais e nós fomos campeãs regionais. Então a gente competiu com todas as escolas da região Norte e nós ganhamos. Enfim, aquele meu lado competitivo ele reina, mas a sorte que eu sou competitiva e eu me cobro. Eu não faço um projeto, uma coreografia, uma criação pensando no que o outro fez, eu penso assim: “Como foi o ano passado, o que a gente precisa melhorar para esse ano”, enfim, a minha grande concorrente sou eu mesma. E penso em sempre

fazer o melhor para aqueles que abraçam a nossa causa, isso como forma de gratidão porque a gente sabe que fazer parte de um projeto social não é algo tão fácil, requer doação, de todos os aspectos, então eu procuro ser grata da melhor forma com a comunidade, com todos que abraçam nossa causa.

P/1 – Em relação ao público, teve algum público que foi marcante, que te assustou de alguma maneira, positiva ou negativamente?

R – Então, quando vocês perguntaram anteriormente “Ah, você fazia tudo pela arte” e realmente introduzir arte há 30 anos foi algo muito difícil, nós tivemos aquela primeira apresentação que realmente impactou, as escolas gostaram e abraçaram a causa. Só que ainda nós tivemos que mudar a cultura das pessoas que iriam assistir, por exemplo, na época, se alguma bailarina caísse, eles riam, eles achavam engraçado ver bailarina caindo e para nós era uma tragédia e desrespeitoso. Já tiveram situações de eu parar o espetáculo e pedir respeito, era batendo de frente com a comunidade mesmo. Uma bailarina levantava a perna “fiu fiu”, essa cultura que tinha antigamente, em nossos espetáculos, as pessoas tiveram que mudar, mas a gente mudou de uma forma rigorosa mesmo.

P/1 – Conta um dia que aconteceu isso.

R – Não, por várias situações, era só levantar a perna, fazer uma passagem de perna, que chamavam de gatinha pra cima, se uma bailarina escorregava, davam risada, se um espetáculo onde um artista estava vindo escondido da personagem principal, alguém da plateia ficava apontando que tem alguém vindo atrás, achando engraçado soltar piadinhas. Hoje a gente até entende, era falta de cultura mesmo, mas hoje não, o nosso público, que é um público bem fiel, um público grande, eles apoiam, eles incentivam, eles sabem o que é ser uma mãe de bailarina, um pai de cantor, uma mãe de um carateca, eles dão valor a cada suor. Mas no começo, há 20 anos quando surgiu o projeto, um pouco menos, uns 15 anos, era difícil essa questão de figurino, de dança, de música, tudo a gente tinha que pensar. “Ah, mas será que essa música o público vai gostar?”, enfim, é muito difícil. E eu já tentei até fazer o método oposto, então em uma festa junina eu levei uma versão junina típica, porém em funk, porque eu não tenho preconceito, eu sou uma bailarina clássica, contemporânea, clássica, jazz, mas eu não tenho preconceito com outros ritmos, tanto que na área artística vivi de sertanejo, forró, axé e tudo mais. Eu falei assim, a batida do funk em si é maravilhosa e a letra é ótima porque é uma letra junina, tem tudo a ver, mas tiveram pessoas que criticaram “Ué, mas isso aqui é uma festa junina ou um baile funk”, então nem se atentaram ao que a letra estava dizendo, só pensaram e como eu estava lá na plateia, e, geralmente, as pessoas não me reconhecem como diretora por ser nova e tudo mais, as pessoas acham que eu não sou a diretora eu ouço alguns comentários. Mas, como eu disse, eu não me atento, enquanto eu tiver a arte como ferramenta, enquanto eu tiver resultados como uma aluna nossa passou no Teatro Municipal, saiu da periferia e foi para o Teatro Municipal, uma aluna nossa já dançou em TV, outra em artista, então enquanto a gente ver que estão crescendo, que estão se desenvolvendo e que está dando certo, não tem problema, mas essa mudança de cultura através da arte, é algo que até hoje é difícil, não é fácil, né? Você sustentar as modalidades mais tradicionais, hoje em dia, as pessoas querem a luta da moda, querem a dança da moda, querem o canto da moda, então você ainda tem que trabalhar aquelas questões mais antigas, hoje em dia é um dos desafios que a gente faz. Eu tento equilibrar porque eu não gosto de ignorar tudo isso que vem vindo de inovação, a gente tem que se atualizar, mas eu gosto de valorizar a raiz, então a gente mescla essa questão através da arte.

P/1 – Tem algum espetáculo que o público chegou a fazer alguma coisa inusitada ou curiosa, que vocês se surpreenderam, que comoveu o elenco que estava dançando na hora?

R – Eu tive a certeza que o nosso público estava mudando a mente, a mentalidade, quando teve um espetáculo que uma aluna pequenininha, elas eram flores, elas representavam as flores e seguravam em uma flor bem grande assim e aí uma aluninha pequena começou a dançar, ficou no lugar dela dançando bonitinha, só que ela viu a mãe na plateia, né? Aí ela parou de dançar e ficou olhando para a mãe na plateia. As alunas começaram a dançar, eram movimento de círculo, então, estava todo mundo no círculo dançando e só ela no canto. Enfim, só que ninguém comentou porque tinha o receio de traumatizar e tudo mais, a mãe também... Porque eu trabalho muito essa questão com elas...

P/1 – Quantos anos ela tinha?

R – Quatro, era bem novinha, acho que três, não tinha nem quatro, a Rafinha. Eu comento muito com as mães para não ficarem mandando tchau, beijinho, essas coisas, para não tirar atenção das alunas. A mãe realmente congelou e a plateia congelada assim, mas todo mundo ficou na expectativa e quando ela voltou para a coreografia a plateia veio abaixo, aplaudindo ela. Então eu achei super bonitinho, o que antigamente iam rir, vaiar, tirar sarro, hoje em dia, eles, nossa, quando ela saiu. Eu trabalho isso com elas: “Está vendo, o público está com vocês, por vocês, não tenham medo de dar o melhor”, então esse ponto me marcou muito. Hoje em dia, nosso público está com a gente, então se uma bailarina escorrega, eles sofrem junto, se uma roupa sai sem querer, porque tudo isso acontece em palco. Recentemente, uma aluna nossa esqueceu como que cantava, então eles começaram a aplaudir, tentaram cantar junto, enfim. A gente já tem grandes respostas, assim, do nosso trabalho de 15 anos que a gente vem desenvolvendo essa parte na região.

P/1 – Deixa eu te perguntar, quando você fala do público assim, você diz que foi uma educação mesmo que você foi fazendo. É o mesmo público que vem acompanhando vocês, porque você começou em escola, então nas escolas eu fiquei imaginando jovens, adolescentes, fazendo esse tipo de brincadeiras, então se você puder descrever um pouco quem eram essas pessoas que faziam essas piadas, se também os pais e depois lá no espetáculo você já sente a diferença, conta um pouco essa história?

R – É. No começo era realmente mais adolescente mesmo, o amigo das adolescentes, eu até percebia que minhas alunas mudavam, as adolescentes, quando iam se apresentar porque “Ah, meu amiguinho está ali”, elas estavam passando por aquilo que eu já havia passado também, né? Mas o que mais me chateava, era quando tinha piadas de pais, então isso me incomodava demais e eu nem mãe era na época, então imagina agora? Mas já me incomodava, porque pode ser sua filha, pode ser sua sobrinha ali, eu não gostava muito disso. O público hoje, a gente costuma dividir entre familiares e admiradores, então existem pessoas que admiram e acompanham o projeto mesmo, então onde a gente está eles estão,

eles oferecem ajuda voluntária quando é alguma festa beneficente, eles doam para a gente fazer rifã. Então a gente tem um público específico aqui da Zona Norte que são os familiares de maneira geral, isso não falo só pai e mãe, são tios, avós, tias, madrinhas e também os nossos admiradores são pessoas amigos ou não, mas que vão no nosso espetáculo porque já ouviram falar do projeto, de tudo que a gente desenvolve e aí vão lá, então é um público bem grande e também tem aquelas que são pessoas que já trabalharam comigo. Então como eu trabalhei muito em TV, artistas, escola de samba, academia, eu conheço bastante público, isso é muito bom porque eu consigo formar várias parcerias, no sentido de ajuda. Então, “Ah, esse me ajuda, lembrei daquele cantor, lembrei daquela bailarina, lembrei daquele roteirista”, a gente sempre consegue ajuda porque em um projeto social tudo tem que ser a base de ajuda, é nesse sentido, “Ah, preciso de um microfone emprestado com quem eu posso?”, é dessa forma. Mas é sofrido, né? Porque é sempre uma correria, às vezes, nos 45 do segundo tempo a gente consegue alguma coisa. Espaço para se apresentar é algo que a gente tem muita dificuldade ainda, mesmo em espaço público, é algo que não conseguimos, por exemplo, até agora não temos o espetáculo, não temos data fechada de espetáculo, nem espaço, temos várias propostas, fizemos festas para arrecadar verba para tentar pagar alguma ajuda de custo, algo do tipo, mas a gente enfrenta esses tipos de dificuldades, você entendeu? Que podia ser algo mais fácil porque é um projeto social tão legal que tira crianças da rua e tudo e a gente ainda passa por essa questão, você entendeu? Eu acho que é o que mais desgasta atualmente, a gente conseguiu mudar a personalidade do público, a mentalidade, a gente conseguiu fazer bailarinos crescerem, crianças que a gente tem fôfinho desse tamanho, agora estão moças e moços. Então todo esse trabalho a gente faz, mas a parte administrativa, a parte financeira ainda é algo que a gente caminha sozinho, na raça e na luta mesmo.

P/1 – Tem como você explicar para a gente quais são as maiores diferenças, assim, porque você disse que a coreografia era a mesma trabalhando aqui, trabalhando com os artistas, como que seria o trabalho com os artistas, a coreografia é a mesma, mas como se dá o processo, né, de chegar ao espetáculo, quanto as pessoas e como que é esse trabalho feito aqui?

R – É. Quando eu falo assim que o trabalho é igual em qualquer canto, eu falo no sentido de conduta, de postura profissional, de chegar no horário, de não fazer corpo mole, porque eu fiquei na estrada com dupla sertaneja, eu fui coreógrafa e trabalhei muito com Mato Grosso e Mathias.

P/1 – Quanto tempo?

R – Uns sete anos, mais ou menos. Eu fiz estrada uma época, um tempo eu fiz, eu trabalhava aqui, saía, passava quinta, sexta, sábado e domingo viajando, estrada e eu já vi alguns bailarinos, por exemplo: “Ah, se o show é grande, se é o rodeio de Barretos, eu danço perfeitamente bem. Ah, se é uma cidadezinha do interior que não é conhecida, pouco público, mais ou menos, eu só vou marcar aqui a coreografia”, nesse sentido, para mim, nunca teve essa questão da preferência. Eu já tive situações que eu saí do show de Barretos com Edson e Hudson, 500 mil pessoas assistindo a gente e fui dançar aqui na Praça da Trindade para 20 pessoas.

P/1 – Na Zona Norte?

R – Na Zona Norte. Então Santíssima Trindade que é uma praça aqui próxima, sempre tem eventos, são parceiros nossos também, de, às vezes, precisar de alguma coisa, já arrecadamos alimento para eles também lá. Então não tem essa questão de diferença, lógico que eu agradeço muito a minha parte artística, eu me realizei muito como bailarina, dançando em TV e tudo, mas não era algo que inflava meu ego, eu era tão realizada lá, quanto dando aula dentro de uma sala em um projeto social ou em um posto de saúde para idosos, que eu também já dei aula para eles, alongamento. Então eu podendo viver de arte era e é o suficiente, independente de status. É só conseguir viver em paz da arte. Em paz é com tudo em dia, tudo bonitinho, que é o que a gente vem buscando.

P/1 – Deixa eu fazer outra pergunta também, como você começou, no meio de tanta coisa a namorar?

R – (risos). Então o meu marido especificamente foi no palco, porque uma pessoa que só trabalha vai conhecer o marido onde?

P/1 – Quantos anos?

R – Olha, a gente está junto há oito anos, há oito anos eu trabalhava em uma banda de baile, já há quatro anos, aí ele entrou e conversando, enfim, fazendo 22 dois shows em dezembro, eu via mais o meu marido do que, propriamente, meu pai e minha mãe. Aí a gente começou a namorar, continuamos trabalhando.

P/1 – Ele foi seu primeiro namorado?

R – Não, não (risos). Não, mas eu não fui muito namoradeira não porque eu sempre trabalhei muito e meu foco sempre foi a dança, mas não foi. Alguns foram relacionados a arte porque, como eu sempre estava trabalhando, acabava namorando quem trabalhava comigo.

P/1 – Você lembra quem foi o primeiro namorado, mais ou menos?

R – Lembro. Foi um colega de classe, classe não, de escola porque ele era três anos mais novo. Mas, assim, foi na época que eu já era bailarina, tanto que ele sim, tinha muito ciúme da minha arte, um dos motivos que o namoro não deu certo, foi isso. Foi bem na época que eu completei 18, então comecei trabalhar a noite com banda de baile, casamento e como ele tinha 15 para 16, ele não aceitava muito isso, né? Então dele sim eu sofri um certo preconceito, ele não gostava muito. Aí tudo que afetava minha arte, perdia a chance, né? Os primeiros namorados, eu não tive muitos, mas dois foram fora da arte e três dentro da arte. Quando eu realmente comecei só trabalhar, minha vida era só trabalhar, comecei a namorar o pessoal mais da arte.

P/1 – Como é mesmo o nome do seu esposo?

R – Alexandre.

P/1 – Como você conheceu ele?

R – Então, ele entrou na banda para a gente trabalhar, mas, inicialmente, não tinha interesse, não por nada, porque eu olhei e falei: “Nossa, ele é um gato”, mas a questão estava porque eu tinha acabado de sair de um relacionamento, então queria ficar um tempo sozinha e ele também namorava. Mas a gente acabou convivendo muito e aí puxando muito assunto, quando a gente viu, a gente já estava muito próximo, aí ele resolveu terminar o namoro e eu resolvi engatar em mais um relacionamento, se bem que eu não estava a fim, mas acabei engatando, de uma forma muito natural, tranquila e verdadeira, quando a gente viu a gente já estava noivando e um dia, num evento de um buffet de Dia dos Namorados, estávamos ruins de dinheiro, ele falou: “Amor, recebi um convite de um buffet aqui de São Paulo, que são uns amigos meus e eles vão fazer uma noite especial de Dia dos Namorados, você quer ir?”, eu falei: “Vamos”. Só que quando a gente chegou lá, realmente foi muito especial, tinha todo tipo de degustação possível, só que o buffet estava querendo vender casamento, né? Enfim, a gente “Não, mas não temos condições, onde já se viu, casar em um buffet”, saímos com um carne e com a data do casamento marcada (risos).

P/1 – Como foi esse momento?

R – Foi ótimo, foi ótimo porque é aquela questão, por isso que falo que, às vezes, é o momento certo, na hora certa, né? Muitas coisas que acontecem na minha vida não são programadas, as pessoas falam: “Ah, caiu no colo dela”, mas não é que cai no colo, eu estava ali no momento e alguma coisa aconteceu, o Universo conspirou. Então a gente foi, para você ver, uma situação que não tínhamos nem como comemorar o Dia dos Namorados e ele achou esse convite e falou: “Vamos!”, eu falei: “Vamos!”, ele era o cantor da banda, o buffet convidou. Foi muito especial, no sentido que primeiro a gente gostou muito do tratamento, se a gente tivesse que pagar isso em um restaurante seria o olho da cara e estava tudo de graça, a gente já estava feliz por isso, né? E depois, quando a gente conseguiu ver que a gente conseguiria fazer um casamento que a gente sonhava muito, mas não achava que seria possível, foi muito bacana. Foi um casamento muito lindo, grandioso mesmo, tudo com parcerias, como a gente era da arte, a gente conseguiu muitas parcerias também. Então a gente se sentiu querido, hoje a gente tem com quem contar, isso que é bacana, às vezes, as pessoas falam: “Ah, tudo que vocês querem vocês vão lá dão um jeito e conseguem”, sim, mas é porque, ao longo da vida, a gente fez parcerias, sabe? Que, às vezes, até não tem muito contato, mas a gente sabe que pode contar.

P/1 – Do namoro para o casamento durou quanto tempo?

R – Uns três anos. A gente começou a namorar em 2011 e casamos em 2014. Beatriz vem em 2017, a gente gosta do número 3, de 3 em 3 anos tem alguma coisa, é mais ou menos, isso (risos).

P/1 – Como você escolheu o nome da sua filha?

R – É uma homenagem a avó dele que já é falecida, que para ele é o xodó, ele inclusive tem o nome Beatriz escrito em japonês no braço, tatuado, porque o grande amor da vida dele era a avó dele, ele perdeu na adolescência, quase adulto, então é uma fase difícil de compreensão. Então ele perguntou para mim: “Você toparia se for menina, colocar Beatriz?”, eu falei: “É lindo o nome, pode colocar sim”. Enfim, ficou como homenagem a vizinha dele, que eu não conheci, mas eu tenho muito carinho, de tanto que ele fala dela, parece que eu já a conheço.

P/1 – Tem alguma história dela que marcou e você gostou, que ele conta?

R – Eu acho que ela criou ele com muito afeto, com muito carinho e ele acabava sendo também o netinho querido, sabe aquela coisinha de: “Olha, filho vai comprar aquela balinha”, escondido e dava um dinheirinho, ele sempre foi. Mas a gente tem que reconhecer na fase de adolescente, que ela queria passear, viajar, ele também era o único neto que tinha paciência com ela, que levava e fase terminal, quem dava banho nela era ele também, então assim, foi uma ligação muito bonita, por isso, é uma causa que eu abracei sempre e é um nome forte, de personalidade, exatamente como é minha filha, forte de muita personalidade.

P/1 – Você já tinha planejado ser mãe ou foi uma coisa que aconteceu? E como foi essa experiência?

R – Então tudo na minha vida aconteceu de forma natural, uma coisa veio puxando a outra, quando eu comecei a namorar o Alê, eu não pensava em casar e aí o casamento veio, me realizei casada, quando eu casei também, inicialmente, não pensava em filho. Eu, Patrícia, nunca falei assim: “Ah, quando eu tiver uma filha”, não, como eu sempre vivi muito da arte, nunca tive esse pensamento. Mas eu sempre cuidei de crianças, então sempre gostei de fazer cabelo, essas coisas, no fundo, até sentia que seria mãe de menina, por essa questão, mas nunca gostei nem de falar, até porque, enfim... Mas eu acho que chegou uma hora que a gente se olhou e falou assim: “Será que não tem que dar um próximo passo para essa relação?” também sem pensar muito porque se você pensa um pouquinho, em qualquer outra coisa, você acaba desistindo desse projeto. Foi a melhor coisa que eu fiz, de todas essas realizações que eu estou contando para vocês, a Beatriz é a maior de todas, porque é uma superação, assim, fora do comum. Com certeza, é o meu melhor espetáculo, a minha melhor coreografia, tudo. Ela é a cereja do bolo de qualquer espetáculo. Acho que vai ser artista, adora cantar, dançar, enfim. Ela realmente me realizou.

P/1 – Tem algum momento marcante que você lembra ou que você pensou que não ia dar conta e aí aconteceram as coisas e você falou “Nossa!”?

R – Na vida materna?

P/1 – Isso.

R – O tempo todo (risos).

P/1 – Mas tem algum assim?

R – É engraçado, às vezes, a gente ouve assim: “Nossa, quando a gente vira mãe, a gente se torna forte”, é verdade. Porque, principalmente, no primeiro mês, eu olhava e falava assim: “Será que eu vou dar conta?”, eu até falei para a minha mãe: “Mãe, fecha o Vidarte, nunca mais eu vou conseguir dar aula”. Criança no primeiro mês é tão dependente, que a sensação que eu tinha é que eu nunca mais eu ia conseguir fazer nada, gulosa do jeito que era só queria comer, comer, comer. Eu não conseguia nem comer, nem nada. Só que ela começou a ficar uma criança muito compreensiva, muito boazinha, começou a dormir, enfim, parece que sentia que a mãe precisava voltar e até hoje ela é muito assim. A Bia é muito flexível em tudo, tendo a comidinha dela pronta tá ótimo, está tudo certo. Para ser sincera, teve um momento muito engraçado porque eu tive parto normal, nove horas de trabalho de parto e nove horas realmente insuportáveis, porque eu acabei ficando quase um dia inteiro ali sentindo cólica, que para mim, foi cólica. Eu não chorei no trabalho de parto, quando eu vi a Beatriz eu não chorei, primeiro, porque eu já estava muito fatigada, porque a minha preocupação era saber se ela era perfeita, se estava tudo ok, se ela respirava. Então eu sempre fui uma pessoa muito preocupada nesse sentido, eu não... Enfim, passei três dias lá na maternidade e ainda sem saber muito, né? Só recebendo ordens, acatando ordens, porque você não sabe, né? Tem que dar mama, a gente dá mama, tem que tomar banho, a gente toma banho, tem que dar banho, a gente dá banho. E fiquei assim, nesse sentido. Eu sempre fui muito obediente, eu sou uma pessoa que apesar de ter opinião forte, eu gosto de saber me colocar, então se eu tenho um líder, eu sei respeitar o líder, eu não falo em cima de líder, eu respeito muito essa questão de hierarquia. Então se a enfermeira veio me ensinar, eu tenho que prestar atenção e fazer o que a enfermeira me ensina. Quando eu entrei no carro para vir embora, eu chorei (risos). Eu desaguei, e aí meu marido olhava pelo retrovisor e falava: “Mas você está chorando de alegria ou de tristeza?”, eu não sabia, acho que ali que caiu a minha ficha, que ela estava nos meus braços e agora era comigo. Ali eu chorei. Eu acho que foi um pouco de desespero (risos). Mas ao mesmo tempo que eu chorava, eu agradecia porque é um milagre, um filho é um milagre, você passar ali nove meses, com todas as preocupações da gestação, enfim, o trabalho de parto. Mas, assim, foi um momento que me marca porque foi a hora que eu chorei, as mães falam dessa questão: “Ah, foi emocionante quando eu vi”, eu não tive essas emoções assim, porque eu sempre fui uma pessoa muito preocupada. Não é porque eu não amei ter a minha filha, nada disso, mas, inicialmente, a preocupação falou mais alto em tudo. Ali eu chorei, isso me marcou. Mas me fez forte, porque ali eu falei assim, vou sair, vou ter que ir. Minha mãe mesmo tendo quatro filhos, ela soube me respeitar como mãe, minha mãe nunca interferiu e até hoje é assim, qual roupa a Bia vai pôr? Posso dar essa comida para a Bia? Mesmo ela tendo criado quatro, ela respeita que a Bia é minha filha. Ela é uma grande vó, meu pai virou um avô babão, enfim, dá tudo para a Bia. É o que eu falo, meu pai é meio mãe, minha mãe é meio pai, então ele é o que faz todas as vontades, enfim, só alegria.

P/1 – Qual hospital ela nasceu?

R – No Vitória, do Anália Franco, eu fui para lá, eu pesquisei alguns, lá foi o que eu mais me senti segura. Foi ótimo.

P/1 – Você ainda dança, Patrícia?

R – Eu danço, mas não muito. Nos espetáculos, às vezes, as pessoas até falam: “Ah, dança, eu estou com saudade de ver você dançando e tudo mais”. O espetáculo ele me preocupa muito nesse sentido de o grupo estar trocando, a iluminação e o acessório que vai entrar na próxima coreografia, o personagem que entra na plateia. Então, por isso, que eu não gosto de me envolver muito com a dança, porque seria mais uma preocupação e ali eu estou como diretora. Mas, às vezes, eu ainda danço com alguns artistas, ainda danço com o Roberto Leal, que é o cantor português, a gente faz alguns shows ainda. Mas eu evito um pouco, até porque trabalhando muito, então não dou conta de outras coisas e para eu focar mais nesse trabalho como coreógrafa e diretora mesmo.

P/1 – Depois que você criou o Vidarte, que você veio para esse espaço da Rua Zilda, nos espetáculos, teve algum que te marcou?

R – Então, cada um marca de forma diferente, né? Eu lembro muito bem do primeiro que foi em um espaço pequeno, que a gente ainda era bem menor, foi um musical dos musicais, a gente apresentou o Rei Leão e a Bela e a Fera, Chicago e Fantasma da Ópera, a gente fez um mini mix de cada e foi muito bacana, eu quis dar um choque de cultura mesmo para a comunidade. Enfim, foi muito lindo.

P/1 – Conta como foi? Sabe assim?

R – Sim, os detalhes.

P/1 – Em que comunidade, a reação, a sua sensação, principalmente, os alunos, porque os espetáculos são feitos por eles?

R – Quando nós estávamos na casa dos meus pais, a gente já se apresentava, mas não era de forma oficial, como a escola que está organizando o evento, o espetáculo e tudo mais. Então esse o Musical dos Musicais, foi o primeiro que a gente decidiu como Vidarte, uma escola, agora a gente tem que ter o espetáculo de final de ano, né? Foi lá no colégio Nova Cachoeirinha, também na Vila Nova Cachoeirinha, Zona Norte de São Paulo, mais um parceiro nosso que nos ajudou, uma mãe de aluna que conseguiu e foi muito bacana porque foi criado super rápido, coisa de três meses no máximo, figurino, espetáculo, tudo. Nós utilizamos as alunas de teatro para fazerem os personagens e os bailarinos e músicos compunham as cenas. Eu senti que foi um choque para o público, porque até então a gente não fazia figurino, nem nada, foi o primeiro ano que a gente aderiu essa questão de arrecadação para figurino, de conseguir montar um figurino, então foi muito bonito, foi muito gratificante e realmente, estimulou para a gente conseguir desenvolver melhores espetáculos. No ano seguinte, a gente foi para o Fábrica de Cultura, lá na Brasilândia, também Zona Norte de São Paulo e lá a gente fez o Volta ao Mundo, então a gente foi para alguns países, passamos Brasil, África, África foi

bem bacana, a gente fez um ao vivo com Atabaque, tudo. A gente também trabalha essa questão de respeito religioso, respeito a todos os tipos de opções, sejam elas quais forem, então aqui a gente tem todos os tipos de famílias, comunidade, aluno, todos aqui são bem recebidos, desde de que tenham respeito. Então alguns que não respeitam qualquer regra, hierarquia, cultura, ser humano, dificilmente fica, acaba se sentindo isolado porque não casa com a nossa proposta. A gente fez uma volta ao mundo, passamos pelo Japão, fomos para Cuba, Estados Unidos com hip hop, New York, New York também trouxemos, foi uma volta ao mundo muito bonita. No espetáculo, geralmente, a gente faz o primeiro ato temático e o segundo livre porque a gente chama convidados especiais da região Zona Norte, então vai uma dança de salão de um pessoal de Santana, aí vai um sapateado, não só da Zona Norte, já vieram pessoas da Zona Leste também, veio um sapateado de Guarulhos, a gente procura fazer essa interação com outros projetos, escolas também. Teve um espetáculo em especial, que é um queridinho meu, mas isso é desde a infância, porque na escola Humberto Dantas eu assisti Os Saltimbancos, então naquele dia, como criança, eu falei: “Um dia a gente vai encenar isso”, quando eu estudei no Beto Silveira, tinha algumas provas públicas, semestrais, um ano eu fiz porque eu queria, mas aqui eu me realizei como diretora mesmo, então eu tive que dirigir e foi um espetáculo que a gente conseguiu fazer com antecedência, que, geralmente, o nosso acaba sendo muito em cima da hora e esse a partir de junho, julho, eu fechei com as alunas que realmente estavam dispostas, então a gente ensaiava uma vez por semana, desde junho, julho, então quando chegou no espetáculo, as alunas já estavam muito linkadas com coreografia, música, canto, eu não precisava falar nada. Então esse espetáculo, além de ser o meu queridinho, eu achei que foi o que mais chocou a nível profissional porque o nosso público querendo ou não, grande parte são familiares, então tem essa tendência de amar tudo que os filhos fazem. Mas esse ano eles se chocaram no sentido que eles viram os filhos como profissionais e não como os filhinhos deles, eles viram o artista, a cantora, a bailarina e não o “meu filho”, entendeu? Esse é especial, depois viemos com Alice, que foi um ano que eu tive que voltar com um mês de gestação para poder construir Alice no País das Maravilhas e foi um milagre, eu digo, porque realmente você ter que fazer um espetáculo com mais de duzentos figurinos e artistas, compor e bailarinas e crianças e 23 alunas de 4 a 7 anos, então foi algo difícil e amamentando, cuidando de filha. Foi um semestre bastante trabalhoso, quando chegou no final, eu estava uma tonelada mais leve, porque a gente fica com esse receio. O ano passado a gente fez na tela dos cinemas, do sucesso, que a gente trouxe histórias de filmes e pode relembrar e a gente viu o pessoal ali na plateia, lembrando do Meu Primeiro Amor, Ghost, enfim, a gente trouxe alguns temas, Rei Leão, a gente trouxe um pouco da Disney também, que é meu xodozinho, então, assim, a gente procura mesclar, como eu falei essa questão... Aí eu não posso trazer só um repertório clássico, não é só essa nossa intenção. Então se um ano a gente vem com um repertório clássico, como vai ser esse ano, esse ano vai ser o Quebra Nozes, um outra a gente tenta quebrar um pouquinho e trazer um musical da Disney ou trazer uma criação própria nossa porque eu acredito em algo completo mesmo, a gente não precisa ficar só focado em uma coisa, o quanto eu puder oferecer de repertório, de vocabulário artístico para os alunos, a gente vai oferecer. É igual na aula de canto, violão, eles tem a liberdade de cantar a música que eles gostam, ora a gente trabalhar bossa nova, música clássica para também valorizar a questão da raiz, sertanejo, a gente varia nesse sentido, para transformar em um artista completo, um artista que domine um pouco de tudo isso, porque aqui no Brasil é importante e segundo para a gente valorizar também essa questão do conhecimento, de tudo.

P/1 – Como foi para você trabalhar essa pluralidade artística: dança, teatro, tudo junto ali no mesmo espetáculo, como você já disse que já teve espetáculo assim?

R – Todos são, né? Na verdade, todos, porque como a gente tem todas essas modalidades, a gente tenta encaixar uma na outra, então é trabalhoso. É trabalhoso porque existem dois fatores: primeiro o artístico, porque aí são crianças de três anos tendo que entender o horário que ela entra, o horário que ela sai, como que ela vai cantar e tudo mais, então a gente já tem essa questão trabalhosa artística, mas para nós é um prazer, a gente já está acostumada a trabalhar assim e tem a questão técnica, que aí são os materiais que a gente não tem. Então aos poucos a gente vai recebendo doação, mas é difícil, às vezes, a aluna tem uma cena linda, mas não temos um headset, então as pessoas não conseguem ouvir a fala dela. Mas isso já vem diminuindo porque como todos estão sentindo essa dificuldade, a gente ganha doações. O próprio teatro arruma uma forma de nos ajudar, então existem essas duas dificuldades, fora o público em tentar agradar, em tentar surpreender. Hoje em dia, a gente costuma dizer que o público do Vidarte é muito exigente, porque eu sou muito exigente, então eu sempre procuro evoluir ao máximo, figurino, espetáculo, iluminação e eles estão exigentes. Eles, hoje, sabem comparar “Ah, esse espetáculo foi, aquele não foi”, tanto que esses dias eu ouvi uma mãe falando: “Nossa, todos são lindos, mas o que me surpreendeu foi Os Saltimbancos, deu a impressão que elas estavam muito mais seguras”, e, de fato, era porque foi o espetáculo que a gente conseguiu trabalhar desde o meio do ano e com um grupo fechado de alunas, a gente montou meio que a companhia do Vidarte, porque tem algumas alunas que a mãe não abre mão de viagens, de passeio, que não abre mão dos compromissos pessoais, então fica faltando nos ensaios específicos, e aí esse ano eu resolvi sentar com as mães e falar: “Quem quer fazer parte da companhia? Essa aluna realmente vai ter que priorizar os ensaios”, então, isso fez a diferença, que é o que a gente quer futuramente fazer com o Vidarte, criar a Companhia, porque ali a gente trabalha com quem de fato está disponível e disposto.

P/1 – Você falou que no começo vocês não tinham figurino, como é que foi surgindo e como é que foi a evolução do figurino dentro dos espetáculos?

R – Então, no começo, era só apresentação com uniforme, a gente só usava uniforme em qualquer lugar que a gente ia, se fosse em área externa, a gente colocava uma calça bailarina, um boné, inventava alguma coisa.

P/1 – Como era esse uniforme?

R – Uniforme de balé, regata, saia, que também foi uma conquista, durante muitos anos a gente passou sem uniforme, não tinha condições de comprar uniforme, e aí quando a gente comprou era collant, regata, meia, sapatilha, roupa de bailarina mesmo, então durante muitos anos não confeccionava figurino, era uniforme. No primeiro espetáculo, que foi na paróquia Santíssima Trindade, ainda não era Vidarte, mas a gente fez no final do ano, que era ainda na casa dos meus pais, a gente conseguiu o palco da paróquia e aí, nesse, a gente pediu uma colaboração de 20 reais de cada mãe e ali a gente comprou uma asa, comprou um boné, comprou um cinto com punho, a gente compôs algumas coisas para já começar a inserir essa ideia de confeccionar figurino. Hoje, a gente trabalha com forma de arrecadação e os próprios pais também, às vezes, falam: “Eu vou conseguir dar tanto” e a gente vai arrecadando para confeccionar. Mas ainda assim é tudo muito parcelado, a costureira tem que abraçar a causa e cobrar uma forma bem mais barata, comparado aos espetáculos aí fora, nosso figurino é muito mais em conta, mas com toda a exigência que eu

sempre tenho, não fica muito abaixo dos outros. A nossa escola participou do Dance e Aqueça durante dois anos, que é um evento organizado pela Secretaria de Cultura e Segurança Pública, tem apoio da PM do Estado, prefeitura, enfim, então é evento muito grande, que grandes balés, eu até morro de rir, chegando com jaquetas de vários patrocinadores nas jaquetas, tinham bailarinas com pantufas de plástico para não sujar a sapatilha, então a gente ainda brincava, dá só um loguinho de patrocínio para gente, não precisa ser todos não. E a gente percebeu que ali... Mas é muito bom que a gente participa porque a gente percebe que não deixa a desejar, nem tecnicamente, nem coreograficamente, postura menos ainda porque é algo que eu cobro muito e artística e figurino em si, a gente se aproxima muito, né, a gente só faz facilitar, conseguir parceiras para cobrar algo mais acessível. Mas enfim.

P/1 – Quantos alunos envolvidos nesses espetáculos?

R – É uma média de 70 alunos de três em diante e são divididos dentro das modalidades que a gente tem na escola, então caratê, balé, jazz, canto, violão, mesmo as modalidades que não têm de dança que eu procuro coreografar ou quando não é da minha área, eu não quero arriscar, eu convido grupos de fora para que eles enriqueçam nossos espetáculos, que o nosso público conheça uma nova arte, uma nova modalidade, para quem sabe, futuramente, a gente conseguir inserir. Então uma média de, só nossos, 70 alunos, mas contando com os convidados, nossos espetáculos beiram 150 artistas, por isso, a dificuldade do espaço porque, às vezes, o espaço que a gente consegue não comporta os artistas, a plateia, porque o nosso público é uma média de no mínimo 400, para os espetáculos, no ano dos Os Saltimbancos a gente fez no teatro Santo Agostinho e foram 790 lugares preenchidos, foi o auge da escola (risos).

P/1 – Onde fica o Santo Agostinho?

R – Lá na Vergueiro, foi um ano que a gente conseguiu lá.

P/1 – Patrícia, aqui a dança é o balé clássico?

R – Sim, mas não é só o balé clássico, o balé clássico é a base porque a gente acredita que é ele que vai dar postura, ele que traz uma história de respeito com a arte, com o corpo, de maneira geral, mas a gente passava pelas outras modalidades, pelo jazz, pela dança de rua. Eu acredito no artista completo, então não tem como eu ficar só no balé clássico, até teve uma época que chamei outra professora para que eu ficasse só no artístico, que é o que eu gosto, é a minha praia e ela focasse só em realmente se preocupar com a técnica da aluna, de uma forma que ela não vire um robzinho porque a gente também não quer isso, ela tem que ser expressiva. É isso.

P/1 – Quando você passava pelas outras modalidades, quais são? Você falou o Jazz...?

R – Jazz, dança de rua, já passamos pelo afro, pela salsa, samba, a gente já passou pelo samba. Na verdade, como eu vim daquela coisa de agência, que as pessoas pediam em cima da hora e tudo, a gente tem que estar preparada para tudo, né? Então, às vezes, para formar parcerias “Nossa, Patrícia, você tem uma dança do ventre”, “Claro que eu tenho”, depois eu vou pensar na dança do ventre, mas eu tenho.

P/1 – Mas aí os alunos eram voluntários, quem quer entrar na dança do ventre? Ou você consegue fazer com todas?

R – Sim, a intenção é que seja acessível para todos, só que como a gente precisa, é difícil você conseguir professor voluntário, então mesmo que pague só ajuda de custo, a gente precisa de recursos, então é aí que entra a questão da colaboração da comunidade, que tem ajudado bastante.

P/1 – Mas aí os alunos topam experimentar? Ou alguns sim, outros não?

R – Sim, não é obrigatório, eu não... Apesar de que a arte só funciona se for obrigatória, vamos supor, o espetáculo que a gente achou que mais deu certo foi Os Saltimbancos, por que? Porque eu cheguei no começo do ano eu falei: “Aluna que aceitar entrar na companhia, não vai faltar”, então foi algo obrigatório e foi o que mais deu resultado. Só que eu acho que a arte muito obrigatória, não passa a verdade porque imagina você ter que interpretar falando: “Ai só to estou aqui porque a professora me obrigou, perdi uma festa”, não sai com a mesma verdade, então não tem como... Às vezes, eu acho que a bailarina precisa fazer aula de teatro, está precisando soltar a expressão, se soltar, está muito técnica, só que eu não posso obrigar, eu já sugeri “Olha, porque você não vai para a turma de teatro também”, “Ai eu não gosto, eu não sei falar”, mas no teatro não aprende só falar, aprende se expressar de diversas maneiras, mas nada é obrigatório, tanto que o nosso trabalho de divulgação agora que a gente está trabalhando, mas nunca teve muito, sempre foi boca a boca porque a gente fala “Eles que vem até nós”, agora que a gente vai começar a ir atrás de tentar parceiros, de tentar novos alunos que consigam contribuir com o projeto. Mas é algo no sentido de escolher sua modalidade é livre porque tem que se sentir bem, tem que gostar e mesmo gostando, alguns desistem, geralmente na parte das exigências, quem não é habituado a regras, a horários, a exigências, a broncas, geralmente, já vai ficando no caminho porque ser artista é isso. As pessoas, às vezes, falam: “Nossa, você estudou com tantas bailarinas, meninas que tinham mais condições que você, porque só você vingou na dança?”, porque, de fato, do grupo que eu me formei, só eu fiquei na dança, justamente por causa disso, de abdicar da vida, dos passeios, de namoro, dos pais abdicarem. Meus pais muitas vezes deixaram de fazer coisas, meus irmãos porque eu tinha apresentação, a minha família, na verdade, eles se adaptavam de acordo com o meu cronograma, e por muitos e muitos anos eu não passei natal, ano novo com a minha família porque eu tinha que trabalhar, não é todo mundo que está disposto a abrir mão de tudo isso, por isso são poucos que vingam na área artística. As pessoas entram com aquela coisa de roupa, figurinos, fantasias, tudo lindo, mas quando veem que a realidade é outra, é muita dedicação, muito ensaio, muito suor, é aonde eles vão ficando pelo caminho, entendeu?

P/1 – Tem alguma frase ou alguma história de algum aluno que marcou aqui no Vidarte para você?

R – Tanto positiva quanto negativamente, quando a gente trabalha com essa questão social, a gente lida 24 horas por dia com a gratidão e com a

ingratidão ali paralelas andando juntinhas e eu passei a trabalhar pela gratidão. Eu aprendo com a ingratidão, mas antigamente eu me torturava muito com a ingratidão e, às vezes, esquecia até daquele que estava sendo grato. Hoje não, eu trabalho assim, saíram oito alunos, abandonaram o projeto, um está ali se dedicando, eu vou pensar nesse que está se dedicando. Mas eu já tive situações da gente se doar de corpo alma e coração e saírem falando mal do projeto, das aulas e tudo, a gente passa por essas situações. Não é nada que me marque, eu não sou uma pessoa que me apego a esses detalhes. Existe uma frase muito interessante que eu gosto de usar, porque eu acho que o social e a caridade escolheram a minha família, não foi a minha família que escolheu, porque a gente não tem muita opção, então uma frase que eu gosto muito de usar é “A caridade deve ser anônima, do contrário, é vaidade”, então hoje em dia a gente vê muitas pessoas se promovendo da caridade, dos projetos sociais e até ganhando muito dinheiro e isso é vaidade, quando for anônimo, enquanto você puder ajudar da melhor forma que for, isso é caridade. Para a gente que é do social desde o começo, às vezes, vê pessoas se promovendo do social, “Olha, eu ajudei, eu dei, aquela região eu fiz”, para a gente ainda é algo incômodo, eu ainda estou aprendendo a ser política, eu não sou muito política, justamente, por causa dessas situações. Esse ano foi um ano de muito crescimento aqui na escola, onde a gente está superando esses dois anos de crise, eu tenho inserido muito essa questão de empreendimento social, porque, apesar de ser social, somos uma empresa, a gente precisa pagar os custos, a gente precisa... Eu já fazia isso da forma técnica, artística que é o que eu domino, então, artisticamente uma bailarina que faz balé aqui não perde em nada em uma escola que ela paga 300 reais, tecnicamente é o mesmo conteúdo ensinado, mas a administrativamente ainda não. Então esse ano a gente focou nesse administrativo, para as pessoas entenderem que mesmo sendo um projeto social, precisa ser levado a sério, em todos os aspectos.

P/1 – Tem pessoas que participam com você da gestão?

R – São todos familiares e amigos.

P/2 – Eles participam de acompanhar?

R – Sim. A minha irmã é o financeiro, ela é formada em Direito, né? E ela adora essa questão administrativa, algo que eu não gosto e ela viu que eu estava ficando muito estressada, tendo que dar conta dessa parte administrativa... Pode deixar? (telefone tocando). Acho que eu vou ter que parar porque vai vazar.

P/1 – Você estava falando do administrativo.

P/1 – Estava falando que sua irmã te ajuda.

R – Sim. Toda essa parte são parceiros, amigos, “Aí preciso de algum substituto”, geralmente, eu conto com as minhas alunas mais velhas para que elas assumam aula e também já futuramente pensando que eu vou ficar na parte mais administrativa artística e elas assumem porque o Vidarte eu costumo dizer que não é meu, é nosso, é da comunidade. [junto com trecho da pág. Eu falo para os pais: “Quando vocês trazem a filha de vocês, vocês não estão só colaborando com a filha de vocês, você estão colaborando com um projeto, que amanhã pode ser das netas de vocês, é nosso, é da comunidade, amanhã posso partir, e eu espero que o projeto continue”. Então é nosso, todos aqui que se demonstrarem capazes e aptos e dispostos a ajudar. “Paty, eu conheço dessa parte de marketing”, eu peço ajuda, mas são todos familiares e amigos, a gente não tem muitas condições. Esse ano a gente vem fazendo alguns cursos de empreendedorismo para a gente conseguir inserir essas questões, a gente pensa grande futuramente com alguns apoios a gente pretende desenvolver isso, mas as oportunidades serão, inicialmente, dadas à comunidade.

P/1 – Tem algum aluno que falou alguma coisa, ou que fez alguma coisa quando conseguiu dar um passo na dança, ou alguma coreografia que você falou assim “Nossa, que legal”, que foi uma história que você ficou lembrando por um bom tempo, alguma situação específica?

R – Eu acho tão interessante porque no Vidarte, até na minha história como professora, eu nunca me atentei a dificuldades, deficiências, para mim, todo mundo é capaz. Então eu nem me apego, eu já tive aluna surda, né, eu esquecia que ela era surda, eu acho que é legal porque ela se sentia tratada igual. Eu não ficava falando para ela assim direcionando, esquecia, ela fazia leitura labial, pela pulsação ela conseguia dançar e pela visão porque ela via as amigas, ela também conseguia, então ela foi um exemplo muito bacana de um trabalho e apesar de méritos dela, porque ela era muito esperta e dedicada, mas ela foi um trabalho que evoluiu. A aluna que foi para o Municipal também, eu sempre falei que minhas alunas eram capazes de entrar no Municipal, lá exige uma questão física porque é um lado mais clássico, então alguma aluna que, como eu, não foi apta pelo físico, a gente tenta de alguma forma comentar, para não se frustrar porque lá tem essa questão de exigência física, mas de maneira geral, todos são capazes. A gente já tem aluno de violão que se mudou para Santa Catarina e está tocando em barzinhos, já está virando músico profissional, as nossas demonstrações são práticas, são alunos que antigamente não falavam, hoje estou quase atores profissionais, não sabiam se expressar. Alunas muito indisciplinadas que hoje são super educadas e sabem conversar, sabem falar “Com licença, obrigada, por favor”. Temos alunas que, às vezes, nem vão viver da dança, já tem até suas profissões, suas formações, mas levam as nossas aulas na hora de se comunicar em uma reunião, na hora de se expressar em uma palestra, então as respostas no Vidarte vêm diariamente, até com relação de formação de público, de pais. Aqueles pais que lá no fundo eram muito barraqueiros, que só resolviam as coisas na briga, hoje detestam barraco e estão ao nosso lado, então quando aparece algum ‘zum zum zum’ eles já querem resolver porque não gostam. Então não existe um exemplo, existem vários de alunos, pais, comunidade que mudaram assim com o nosso trabalho.

P/1 – Qual, mais ou menos, a faixa etária de alunos que vocês atendem?

R – A partir dos três anos, já tivemos aluna no balé com dois anos e meio que veio para uma aula teste e se adaptou e ficou, hoje ela está com dez anos, ela está com a gente já uns sete anos e a perder de vista, qualquer um pode fazer aula, independente, já tivemos alunas de 58 anos dançando zumba com a gente, enfim, elas vão para o espetáculo de final de ano, a gente tem essa preocupação de valorizar porque são mães, donas de casa, que correm, que trabalham e nunca se imaginaram em cima do palco, então a gente faz toda uma produção para que elas se sintam empoderadas, para que elas acreditem nelas, no poder da dança, da arte, cura depressão, mau humor, tudo que tem direito. Eu tenho muito

orgulho da profissão que eu escolhi, tanto quanto educadora, como professora de balé porque eu acredito que é uma medicina, de uma forma diferente, mas a gente já viu sim muitas alunas com má postura se corrigirem, assim a gente evita futuras doenças, cardíacas, vasculares, respiratórias, assim como também essa questão do pensamento. Nesse mundo que a gente vive, quanto mais a gente puder livrar o nosso pensamento dessas coisas ruins que a gente pensa, adolescentes, crianças e tudo mais. Então eu acredito que uma das ferramentas da arte é a cura mesmo, em todos os aspectos.

P/1 – Como foi a sua passagem no samba?

R – Então, há uns quatro, cinco anos eu estava aqui no Vidarte e a diretoria da Unidos do Peruche veio me procurar, falando que conhecia esse projeto, que tinham indicado e que eles precisavam de uma ala coreografada, aí eu topei, eu queria muito sempre participar de escola de samba, mas não tinha oportunidade, eu aceitei. Eu entrei no ano que a escola estava no acesso, fui sortuda, passamos para o especial, primeiro ano já senti gostinho do que é ser campeã do carnaval e fiquei mais dois anos desfilando no especial, quando eu engraidei da Bia, resolvi dar uma parada. Fui para Avenida com cinco meses e meio, desfilei, coordenei uma ala de cem componentes e um carro alegórico de 40 componentes, então 140 componentes coordenando com os meus apoios que são todos eles familiares e amigos. Resolvi dar uma pausa nesse período a Peruche caiu para o acesso dois, como fênix que ressurgiu das cinzas (risos), me procuraram de novo e esse ano realmente negocie para pegar a comissão de frente também, porque eu queria me realizar como coreógrafa, que ainda não tinha me realizado como coreógrafa, e sim, como coordenadora de ala, então esse ano a gente vem com a comissão de frente, com enredo Ubutum que é um tema africano que traz essa questão do bem vencer o mal, então é bem interessante para uma escola e uma comunidade do Peruche que vem precisando muito dessa questão de “juntos podemos, juntos somos fortes”, do respeito, a comunidade vem precisando bastante.

P/1 – Por que?

R – Porque com todas essas quedas, a comunidade está bem desacreditada da escola de samba, tivemos várias questões administrativas não legais, algumas falhas, então a comunidade está um pouco decepcionada com a escola, a gente vai ter que resgatar, a fênix mesmo, do mesmo jeito que resgatei da primeira vez, esse é o objetivo desse ano. Esse ano está um pouco mais difícil, as pessoas estão relutando mais, mas a gente vem desenvolvendo e tentando levar um pouquinho mais de profissionalismo, eu costumo dizer que faz tempo que o carnaval deixou de ser folia, o carnaval é profissional, então as pessoas têm que entender que elas pisam naquela avenida representando um trabalho de um ano inteiro, então elas não podem entrar com latinha de cerveja na mão porque não é folia mais, é um trabalho sério. Nos anos que eu fui, a minha ala era exatamente assim, é trabalho sério, se tiver que ficar cinco horas em pé, o que é cansativo, porque o antes do carnaval é muito cansativo, eu costumo dizer que os 19 minutos que a gente passa na avenida são os únicos prazerosos, porque eles são incríveis, é uma sensação que quem ainda não experimentou, deve que é maravilhoso, mas fazer um carnaval é algo muito difícil, é uma cobrança muito grande e você lida com pessoas, então tem que ter todo esse jogo de cintura. Mas como eu gosto de desafio, a gente está aqui e vamos trabalhar para profissionalizar o carnaval na Peruche.

P/1 – Hoje, para você, o que é mais importante na sua vida?

R – Minha filha, minha família. Eu amo demais a minha profissão, demais, mas acima da minha profissão vem minha família, se um dia a Peruche estiver prejudicando a minha família, provavelmente, eu vou optar pela minha família. É que é como um pacote, ganha Patrícia, ganha todos os trabalhos dela, geralmente, é assim, meus amigos ganham meus trabalhos, minhas parcerias ganham meus trabalhos, meu marido ganhou meus trabalhos, são tudo dessa forma. Mas, para mim, o mais importante é a família, 100% família, então que bom que eles aceitam meus trabalhos e não fazem eu optar, porque eu amo demais trabalhar, mas a nível de importância, família em primeiro lugar sempre.

P/1 – Quais seus sonhos e desejos para o futuro?

R – Para o futuro... Olha, eu vi uma frase muito interessante e eu discordo no começo, eu li que se você fala de um assunto e você chora é porque você ainda não resolveu esse assunto, e aí eu falei assim, porque eu sou chorona, né? Já perceberam, eu falei “Ai não, às vezes, é emoção”, eu discordo, mas eu percebi que o Vidarte ainda é um assunto mal resolvido na minha vida.

P/2 – Por que?

R – Porque eu choro, eu falei da minha filha, do Peruche, eu não me sinto emocionada, mas no Vidarte, eu sinto porque ainda falta.

P/2 – O que você acha que ainda falta?

R – Falta o projeto... É porque talvez eu sonhe muito alto, né? Então ainda falta ter nossa sede própria, com a parte de aulas para eu poder receber a comunidade inteira, de todas as idades, ter o refeitório, quem precisar chegar poder comer, quem quiser tomar um banho, vai ter lá o vestiário. Vai ter a brinquedoteca para as crianças da comunidade, eu sonho grande, então talvez por isso que ainda está difícil, mas eu quero. Quero sede própria para a gente poder oferecer alfabetização para idosos, para pessoas que não tiveram oportunidade. A intenção é que as pessoas acreditem que elas podem o que elas quiserem, seja na arte ou em qualquer lugar. Confeção é uma coisa que eu tenho vontade das mães e comunidade conseguirem confeccionar os nossos figurinos e assim conquistarem uma profissão, então cursos profissionalizantes, de maneira geral. Então, hoje eu acredito nessa frase, ainda é uma história mal resolvida, ainda é uma... Hoje eu realizo o que eu prometi com 14 anos, a gente oferece arte, cultura para os mais necessitados, só que é muito difícil sustentar tudo isso, então a partir do momento que tudo isso pode afetar a minha família, é um choque muito grande e o ano passado eu pensei em fechar o Vidarte, foi um ano muito difícil para a gente a ponto da gente ter que tirar de tudo dentro de casa para poder sustentar o Vidarte, então é algo que ainda é uma ferida, que eu ainda... Não é ferida, é algo mal resolvido, mas que eu só vou conseguir quando eu tiver a sede própria, não tiver essas preocupações, poder receber a criança

independente se ela vai conseguir contribuir ou não e poder ficar o dia inteiro, período integral, ter o alimento para quem passa fome, ter hidroginástica. Eu sonho até com piscina no Vidarte, vê se pode? Eu quero hidroginástica também para os idosos, então é um sonho muito alto, eu não desisti ainda, mas é algo que está mal resolvido. É isso, eu sonho com a sede própria do Vidarte.

P/1 – Dá para chamar a comunidade para fazer algum movimento, você consegue imaginar isso como uma possibilidade?

R – Sim. A comunidade é muito participativa. Hoje eu frequento reuniões com ONGS, com institutos e tudo mais.

P/1 – No Sebrae.

R – Eu faço um curso de empreendedorismo para o terceiro setor. Inclusive, foi lá que eu descobri o curso, lá que divulgaram porque o Instituto Center Norte também está patrocinando esse curso. Eu vejo muitas ONG's que já estão com estabilidade financeira, já possuem convênio, já possuem editais, então tem uma vida financeira que é estável, porém não tem essa força comunitária, não tem. Às vezes, fazem um evento, você vai prestigiar não tem ninguém, não funciona, porque talvez tenha começado do caminho diferente que o Vidarte começou, então nós Vidarte não, a gente já tem a força comunitária, a gente só não tem a força financeira. Por exemplo, dia 7 de julho, nós fizemos nossa festa junina, em 20 dias divulgamos, arrecadamos 100% beneficente. 100%, tudo que estava lá era doação. Nós tínhamos em média 220 pessoas dentro da quadra, então é algo que em 20 dias a gente reúne isso. Eu abri uma rifa de um ovo de Páscoa, vendemos em uma semana 100 números, então a comunidade é muito forte, muito participativa, porque o projeto surgiu da vontade da comunidade. Então agora a gente está fazendo o caminho de chegar, que antes a gente não tinha nem noção de como conseguir um edital, como conseguir um apoio, como conseguir uma empresa que patrocine a nossa escola. A gente está indo para esse caminho, a sorte é que a gente tem a força da comunidade, então a comunidade faz um peso gigantesco, por isso que eu estou mais esperançosa, mais confiante de que esse mal resolvido, a gente vai resolver (risos).

P/1 – Como foi para você contar sua história de vida?

R – Então foi muito bom, eu gosto de compartilhar as experiências e por onde eu compartilho, eu posso estar enganada, mas por onde eu compartilho eu sinto que as pessoas gostam de ouvir a história porque é uma história, realmente, de muita superação, eu fico muito feliz, eu costumo dizer nos cursos que eu passo, engraçado, nesse último, que eu estou fazendo... Eu fiz o primeiro dia, aí no segundo dia eu encontrei uma menina que também está fazendo o curso já de uma instituição renomada e ela falou assim... Ela parou no semáforo e eu falei: “Você não está indo para o curso?”, ela falou: “Estou”, eu falei: “Vamos juntas!”, ela falou assim: “Você pode me falar seu nome?”, aí antes de eu responder, ela já falou assim: “Porque seu nome eu não lembro, mas seu projeto sim” (choro). Aí ela falou que dos 40 que estavam lá, foi o que mais marcou ela, que ela não consegue imaginar como dois pais abrem a casa para a comunidade entrar (emoção). Então eu sei da força que o Vidarte tem e eu espero que quem possa ajudar, sinta também essa força esse afeto, acima de tudo a importância desse projeto para a região norte de São Paulo, entendeu? E que em um futuro bem próximo a gente consiga ter uma caminhada um pouco mais leve porque para ter inspiração, para ter criação a gente precisa estar com a cabeça boa e, às vezes, é o que prejudica. Eu acho que artisticamente a gente podia dar até voos mais altos, mas a gente sempre esbarra nessas dificuldades entendeu? Mas enfim... Foi importante eu falar da minha história e eu espero que também sirva de inspiração, né? Para futuras Patrícias que estão chegando aí, que fazem promessa com 14 anos de que vai ajudar uma comunidade e cumprem. Nos dias de hoje que tanto se promete, pouco cumpre, a gente segue firme e forte aqui na Zona Norte, enfim, é isso...